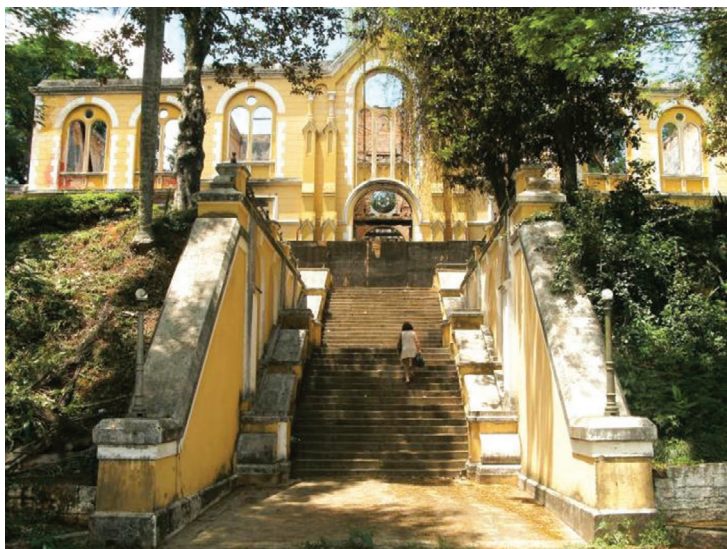


Decadência da Psiquiatria (n. 7)

Psiquiatria forense paulista, antes e agora

Guido Arturo Palomba

Em chão paulista, os doentes mentais criminosos eram internados no velho Hospício da Várzea do Carmo, fundado em 1856. No ano de 1895, havia quinze: três epiléticos; dois lipemaniacos; um demente; dois paranoicos; três loucos morais; e quatro com delírio de perseguição. Eles viviam



Hospital Psiquiátrico de Franco da Rocha (Juquery)

juntos com os alienados mentais não criminosos, o que levou Francisco Franco da Rocha, então diretor do Serviço de Assistência aos Psicopatas, a procurar solução para os graves inconvenientes de deixá-los de permeio. Ao criar o Hospital do Juqueri (*yuquerê-y*, tupi = “rio do espinho que dorme”), em 1898, procurou um lugar para isolá-los dos demais internados, fato que marca os primórdios da criação de um verdadeiro Manicômio Judiciário, o que somente viria a acontecer três décadas depois.

Mas, ressalte-se que, desde muito cedo, Franco da Rocha dedicou-se à psiquiatria articulada às causas judiciárias, escrevendo artigos para os jornais da época, culminando com a edição do primeiro livro de psiquiatria forense bra-

sileiro: *Esboço de psiquiatria forense*, em 1904 (todas as publicações anteriores levavam o nome de medicina legal dos alienados ou algo no gênero, isto é: o termo “psiquiatria forense” em livro brasileiro aparece, com Franco da Rocha, pela primeira vez). A obra tem ensinamentos que, passados quase

uma centúria, são guiões preciosos à especialidade. Com esse livro, inicia-se de fato a escola paulista de psiquiatria forense.

Na mesma época, vários discípulos se dedicaram ao mister. O sucessor de Franco da Rocha foi Antonio Carlos Pacheco e Silva, o criador do Manicômio Judiciário de São Paulo, inaugurado em 1º de janeiro de 1934, quando 104 pacientes sujeitos à Justiça foram removidos para o novel prédio. (O Manicômio Judiciário de São Paulo foi importante escola da psiquiatria forense brasileira até meados da década de 1980, quando o prédio foi desativado, por influência do movimento antimanicomial, muito presente no Governo do Estado, à época nas mãos de Franco Montoro.)

Para dirigir a Casa, Pacheco e Silva escolheu André Teixeira Lima (médico de uma das colônias do Hospital do Juqueri e responsável pelos internados criminosos); ambos, com Franco da Rocha, formam os pilares da primeira geração de psiquiatras forenses paulistas (Franco da Rocha sonhou o Manicômio; Pacheco e Silva o criou; Teixeira Lima o dirigiu por 22 anos consecutivos).

A seguir, veio a segunda geração, extremamente profícua, na qual se destacam, entre outros, Alex Landgraf de Carvalho, José Roberto Bellelli, Henrique Levy e, de modo especialíssimo, Tarciso Leonce Pinheiro Cintra [intimamente saudado como o Rei dos PPs — abreviatura de personalidades psicopáticas — por ter sido grande conhecedor da matéria e o criador da Casa de Custódia e Tratamento de Taubaté (a primeira do Brasil, na qual eram internados os psicopatas criminosos)], e o mestre dos professores, Paulo Fraletti, psiquiatra forense inato.

À época, estudava-se e lecionava-se psiquiatria forense em três lugares: Manicômio Judiciário, com Paulo Fraletti; Casa de Custódia e de Tratamento de Taubaté, com Tarciso Leonce Pinheiro Cintra; e Instituto de Medicina Social e de Criminologia (IMESC), que tinha centro de estudos, com palestras, mesas redondas, produção de trabalhos, sediado à Avenida Consolação.

Os mestres fizeram discípulos, e veio a terceira geração de psiquiatras forenses. Entre eles, Antonio José Eça, Rubens Zaclis, Alfredo Hansen Terra de Souza, José Américo dos Santos, Carlos Roberto Hojaij e Guido Arturo Palomba. No IMESC, destacaram-se José Cassio Simões Vieira, Paulo Argarate Vasques e seu ilustre diretor, Luiz Gonzaga Sena Rebouças.

Sucedem que essa terceira geração não formou discípulos, pois, quando pronta para ensinar à quarta geração, o cenário da psiquiatria no Brasil e no mundo ocidental passou por grande transformação, com a vinda da CID-10, da antipsiquiatria (poderosa opositora da psiquiatria forense) e da cultura dos psicofármacos, dando um grande salto para trás, saindo da doutrina clássica europeia, iniciada no século XVII e no ápice do desenvolvimento no século XX, para cair na psiquiatria norte-americana, empírica e momentânea, do século XXI.

Assim, graças ao *marketing* avassalador da indústria farmacêutica interessada em introduzir novos remédios, tendo

a CID-10 como “bíblia da psiquiatria”, e à velocidade e onipresença da mídia digital, que a todos atinge e massifica, a quarta geração de psiquiatras forenses não escutou a terceira [hoje reduzida a poucos representantes (uns morreram, outros se aposentaram)] e tornou-se uma geração sem base.

Atualmente, é tudo improvisação: juizes a nomear neurologistas, psiquiatras infantis ou geriatrias e psiquiatras clínicos, muitos ilustres em suas especialidades, como se esses pudessem bem se desincumbir dos misteres da perícia tal qual se desincumbem de seus afazeres no consultório.

A improvisação para que outros especialistas realizem perícias equivale a solicitar ao cardiologista clínico fazer cirurgia cardíaca. Só que, nesse caso, o clínico não se aventuraria com o bisturi e a pinça, pois sabe que não passará da epiderme; mas, no que se refere à psiquiatria forense, infelizmente o psiquiatra clínico se lança e faz o laudo. Quando a perícia é bem simples, é possível atuar com pouca base. Porém, se for um pouco mais complexa, ter lastro é fundamental; do contrário, perde-se, improvisa-se e não se instrui concretamente para que se faça a distribuição do justo, que é a missão do verdadeiro perito.

A grande verdade é que desta época atual, da decadência da psiquiatria, a psiquiatria forense não escapou.

Depressão e Amor

Milton A. de Toledo Barros

Com uma idade já avançada, não tentarei análises profundas. Como aposentado, encontro-me afastado da medicina, sendo mesmo difícil me atualizar. Para algumas pinçeladas terapêuticas, de vez em quando auxílio nossos netos. Peço aos leitores que aceitem essas escusas. Entretanto, quando se trata de psiquiatria, ainda restam alguns interesses, lendo um pouco e observando os fatos da vida real. Para tanto, tempo é o que não falta.

Em meu pequeno compêndio, intitulado *Crônicas de um psiquiatra*, conto muita coisa que sói acontecer no desempenho da profissão, e a que nos deparamos. Nunca me moveram interesses demagógicos, embora alguma coisa descrita pareça ser um pouco fantasiosa.

Creio ser desnecessário neste artigo entrar na importância da Medicina Psicossomática, que já é aceita sem reservas, e que sempre foi praticada desde épocas imemoriais de nossa civilização.

Ficaremos com um caso pessoal, para o qual peço compreensão e uma dose de crédito. Será relatado com simplicidade. Vamos lá:

Em 27/11/2011, faleceu minha esposa Semíramis, aos 76 anos de idade. Havia passado por cirurgia da coluna vertebral por motivos de dores intensas, motivadas principalmente por grave estreitamento do canal; e também com lesões concomitantes. Como história pregressa mais objetiva, tinha passado por alguns surtos inflamatórios devidos à colite e à diverticulite. Era diabética e usava medicação oral. Teve três filhos, em parto normal. Fez mastectomia total em virtude de tumor maligno da mama; e há mais de 30 anos, sem recidivas.

Alguns dias após a cirurgia de coluna, houve piora de seu quadro geral, e entrou-se em peritonite. Procederam-se cirurgia abdominal e medicações intensas em UTI, culminando com êxito letal após poucos dias. Não é fácil uma descrição melhor do quadro. O estado emocional é um óbice, e a saudade é um fator poderoso.

O autor, que no caso sou, ou era, seu marido, foi continuando a vida, como deveria ser, como na clínica muitas vezes orientara a seus clientes.

Mesmo aceitando o triste acontecimento, tocou a vida para a frente.

Já antes eu vinha usando medicação específica motivada por taquicardia e hipertensão arterial, com boa resposta. Entretanto, tenho que entrar em um terreno que me parece mais particular, mais íntimo. Eu acho que nosso amor conjugal ficava acima de esforços para o equilíbrio de uma vida diária, na situação de viúvo, e sem a companhia de 56 anos. E esse sentimento quase intraduzível me levava às lágrimas. Eram episódios de crises frequentes, vinham como se fossem uma convulsão, que era curada pelo choro. Eram sintomas até agradáveis.

Mas eis que à noite não conseguia conciliar o sono, e surgiram dores na região subclávia e em músculos do braço. A dor se prolongava em torno do mamilo. Procurei o cardiologista que me tratava. Fui submetido aos exames convencionais. Nada de anormal foi encontrado. E veio o veredito — você está com depressão, quer ir ao psiquiatra, ou quer que eu mesmo receite? Levei a prescrição para casa.

Por coincidência, veio me visitar, por uma semana, um filho que é médico, cirurgião vascular, residente em Primavera do Leste, acompanhado pela esposa e meu netinho. Foi uma euforia, conversamos muito, tomamos bastante vinho. Procurei uma boa autoajuda e, passados uns dias, a dor sumiu, a ansiedade desapareceu. Fiz com eles, de carro, uma viagem feliz, e retornei após 15 dias. E estou bom, acho que assim, e continuarei. Acho que fui coerente, mesmo ficando sem a boa medicação, que, sendo antidepressiva, levaria de 20 a 30 dias para iniciar sua atuação.

Creio que foram sintomas psicossomáticos, que se manifestaram em uma depressão relativamente leve, que cedeu com uma terapia comportamental. Não encontro motivação para me complementar em outras considerações. Talvez, dentro dos princípios da Física Quântica, poderia encontrar explicações razoáveis. Quanto a considerar fatores espirituais, deixo esse raciocínio em aberto, para esse momento. Espero que este modesto artigo tenha suas utilidades.

Milton A. de Toledo Barros

Médico Psiquiatra e Membro da Academia Linense de Letras

A Casa de Saúde Campinas

Duílio Battistoni Filho



A história do antigo Circolo Italiani Uniti se confunde com a da cidade. Fundada em 17 de abril de 1881 pelo comerciante italiano Attilio Bucci, tal instituição teve o condão de proporcionar ensino escolar gratuito e atendimento médico-hospitalar para imigrantes italianos pobres. Entretanto, sua missão se manifestou em atos de solidariedade, quando suas salas de aula se transformaram em leitos para receber, em 1889, as vítimas da febre amarela. Deve-se destacar o heroísmo de médicos, nessa ocasião, como os doutores Costa Aguiar e Cesário Mota Júnior, que foram incansáveis em deter o avanço da epidemia. O primeiro foi vítima da febre, deixando um legado insuperável de amor à profissão. Em 1918, o edifício virou novamente uma enfermaria, para tratar dos doentes da gripe espanhola. Em 1920, a escola encerra suas atividades e passa a ser um hospital. Essa ação se deve a dois de seus mais importantes líderes, Irineo Cecchia e Mário Gatti, que iniciaram as obras definitivas para a implantação da futura Casa de Saúde, cuja forma arquitetônica neorrenascentista em “U” foi obra de Ramos de Azevedo. Até hoje sua arquitetura arranca aplausos pela grande leveza e elegância dos arredondamentos

laterais de sua entrada, bem como pelo tipo de implantação no alinhamento do lote. Em 1926, foram contratadas as irmãs de caridade da Congregação Sagrado Coração de Jesus, vindas da Itália, que, por razões superiores, ali permaneceram até a metade dos anos 1990. Mais tarde, a Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro foi erguida, sendo inaugurada pelo bispo D. Francisco de Campos Barreto. Seu interior apresenta elementos neoclássicos ricamente decorados com painéis e vitrais de consagrados artistas.

Em 1938, as atividades do hospital foram nacionalizadas por força do Decreto-lei n. 383, que estabelecia normas a respeito de estabelecimentos estrangeiros, com alteração em seus Estatutos, que deveriam ser cumpridos para que não se fechassem suas dependências. Convocada uma reunião extraordinária para ajustarem-se as primeiras providências, sua ata foi a última escrita em língua italiana. O Circolo realizou, então, uma assembleia geral destinada à fundação de uma sociedade civil, com fins filantrópicos, e a entidade passou a se chamar “Casa de Saúde Circolo Italiano”. Em 1942, durante a Segunda Guerra Mundial, por razões políticas, passou a ser chamada definitivamente de “Casa de Saúde Campinas”. Foi tombada pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Campinas, em 1997, por sua exemplar arquitetura e valioso documento histórico. As fachadas, jardins, gradis e o seu precioso sino usado para chamar os alunos são protegidos pelo tombamento. A Casa de Saúde foi o primeiro hospital do interior do Brasil a realizar o transplante renal. Conta com diversos departamentos, destacando-se, entre eles, os de Cardiologia, Cirurgia Geral, Ortopedia, Traumatologia, Neurologia e 2 UTIs adulto e uma UTI pediatria e neonatal.

Enfim, é um dos nosocômios mais modernos da cidade e uma referência na história da medicina do País.

Duílio Battistoni Filho

Membro da Academia Paulista de História

Detalhes: do Pronto-Socorro à Faculdade de Medicina

M. I. Rollemberg

Roberto Saad Jr.

O início dos anos sessenta mudava de vez a face da vetusta Santa Casa de São Paulo. Suas enfermarias, embora sem um vínculo específico com o ensino, na realidade, há muito vinham constituindo-se em um verdadeiro núcleo de aperfeiçoamento de pós-graduação desde a transferência do hospital de ensino da Faculdade de Medicina para o Hospital das Clínicas. Aquele mesmo espírito jovem que permeara os realizadores da nova Faculdade de Medicina com Arnaldo Vieira de Carvalho à frente, na ocasião Diretor Clínico da Santa Casa, continuou latente nos profissionais que ali permaneceram, que sonhavam com a criação de uma nova faculdade, dessa vez dentro do próprio hospital. No dizer do Prof. Zeferino Vaz, em sua aula inaugural nos primórdios de 1963, “tal qual na velha Albion...”, como gostava de se referir à Grã-Bretanha, “...fora a primeira vez em que isto acontecia no Brasil”.

No velho hospital em 1962, ainda havia um precário remanescente da chamada “porta”, serviço de urgência de velhos tempos. No entanto, havia premência da criação de um verdadeiro pronto-socorro, ante os reclamos dos vários serviços, onde tal necessidade era preenchida de maneira pouco ortodoxa. A solução encontrada, engenhosa na época, sugeria às enfermarias cirúrgicas que determinassem um número de leitos para atendimento de urgência, outorgando a elas a escolha de uma equipe cirúrgica responsável pelo plantão de um dos dias da semana. Antes, já fora criado um Centro de Recuperação Cirúrgico, embrião das futuras UTIs, complemento obrigatório a um serviço de urgência. E foi exatamente nessa fase que ocorreu o fato relatado.

O plantão de fim de semana era o mais movimentado, como consequência natural dos abusos regados pelos eflúvios etílicos (não se falava ainda nas outras drogas). O jovem paciente dera entrada com fortes dores no epigástrico. Con-

tava que estivera com os amigos em um bar próximo tomando sua cervejinha e comendo um sanduíche. Nisso, chegaram alguns assaltantes armados que fizeram a “feira”. Em seguida à retirada dos meliantes, o jovem passara a sentir fortes dores na “altura do estômago”, motivo da sua vinda ao pronto-socorro. Após os exames de emergência, com presença de rigidez em “tábua” na altura do epigástrico, nítidos sinais de comprometimento peritoneal, ele foi submetido à laparotomia exploradora, encontrando-se uma perfuração estomacal, com um segmento de palito de madeira protruso em abdome livre. Após abertura do estômago, o cirurgião verificou com espanto que o palito estava incluído em uma metade de sanduíche. Na realidade, era uso comum em bares que, após a feitura de um sanduíche, este fosse dividido ao meio, com cada metade fixada com um palito de madeira, para conter o recheio. O que acontecera na verdade é que, com o susto do assalto, o jovem engolira praticamente a metade de um sanduíche com pão francês, que passara incólume, surpreendentemente, pelo esôfago e fora instalar-se na parede estomacal. A cirurgia terminou sem problemas, com o paciente recebendo alta sem sequelas.

Esses acontecimentos, agora impulsionados pela ala mais jovem, reforçados pela criação da novel Associação dos Médicos da Santa Casa, capitaneada pela atitude firme e indomável de Emilio Athié, criaram as condições e, como um verdadeiro aríete, levaram à criação da tão almejada Faculdade de Medicina.

Manuel Ignacio Rollemberg da Silva

*Artigo póstumo em homenagem
ao ilustre cirurgião torácico*

Depois do Último Suspiro

Vicente Amato Neto

Eu, Vicente Amato Neto, morri. Imediatamente, algo que sai do corpo, e que não sei denominar, chega à presença de São Pedro, braço direito de Deus a propósito de entrevistas destinadas a decidir para onde irá a coisa.

Com enorme presteza, São Pedro avisou:

— Vicente, tenho má notícia para você. Você está condenado a ir para o inferno.

Assustadíssimo, ousei estabelecer camaradagem e perguntei como ele conseguia resolver quantidade enorme de casos tão rapidamente. E ele, de maneira gentil, explicou:

— Vicente, uso um poderoso computador, que está aqui, apontando com o dedo indicador da mão direita a cabeça. Não há outro igual e não haverá. Com ele, trabalho sem problemas.

Recorrendo a uma dose de malandragem, abusei, lembrando que vivi no Brasil, onde corrupção, roubo por político, safadeza e mentira, só para citar exemplos de trapagens, são habituais. De passagem, convém salientar que corrupção é negócio corriqueiro no Brasil, nunca punido. Procurei fugir dessas malandragens, amei meu país e realizei alguns atos bem-sucedidos. Pedi então grande favor:

— Excelência, diante de tal comportamento, não dá para quebrar meu galho?

São Pedro passou a ficar zangado e encerrou a conversa:

— Vicente, sei de tudo isso, mas não basta. Nem levarei o assunto ao Chefão, que soluciona questões mais difíceis e sua posição é simples. Vicente, chega! Vá para o inferno!

Ali já estava estacionado veículo esdrúxulo. Nunca vi outro igual e é fácil entender isso. Jogaram-me nele e sem qualquer demora eu já estava no inferno. Nada de conversa. Puseram-me numa fornalha.

Lugar horrível e calor infernal. Na falta de alternativa, nada mais a fazer do que ficar cumprindo essa privação determinada por São Pedro. Permanentemente eu matutava. É provável que não sairia dessa prisão maldita e plena de sofrimento para mim. Imaginei que não estaria

livre nunca e queria saber como interpretar o que é o infinito. Será que o infinito tem fim, figurava como dúvida permanentemente.

Só mantinha raramente contato com outros reprimidos. Entre eles, estavam grandes malandros, dos quais eu ouvia falar. Surgiu então outra decepção, porquanto considerei que meu sofrimento não deveria ser igual ao deles. No inferno, não implantaram tribunais diversificados ou Códigos Civil e Penal.

Aconteceu que em certo momento apareceu na minha frente um tipo prepotente e belicoso. Identificou-se como Satanás e, sabendo que eu jogara futebol, intimou-me a fazer parte do time do inferno que logo enfrentaria a turma do campo da paz celestial. Respondi, sem titubear, que não aceitaria porque o adversário conta com queridos amigos meus: Bernardino Tranchesi; João Tranchesi; Berilo Langer; Fernando de Aguiar Pupo; Flavio Silvio Rivetti; Pedro Gherardi Junior; Heladio Capisano; entre mais alguns. Como os membros do Inferno Futebol Clube usam lanças e outras malignidades, salientei que os celestiais não temeriam. Seria pior que tivessem que ver na disputa os bandiões que encontrei. Diante do que expliquei, Satanás convocou um segurança horrendo, furioso e atroz para enfiar-me em fornalha bem mais quente.

Convém contar que o setor futebolístico do cárcere tem a seguinte organização: Capeta, técnico; Satanás, responsável pela equipe de futebol; Lúcifer, presidente da FIF (Federação do Inferno de Futebol).

Não pude mais enviar notícias, pois já estava quase transformado em um carvãozinho.

(Não posso revelar como enviei essas informações. Prometi manter anonimato e cumprirei, sabendo que, nessa fase, lealdade não valeria nada.)

Vicente Amato Neto
Professor de Medicina

Janela da Alma

Antonio J. Amadi

“Uma palavra, um gesto, um olhar bastava.”

Pe. A. Vieira

Aos outros o que sempre dissimulas,
a mudez de teu rosto me revela,
e o fugir à Verdade se estimulas,
o silêncio do mesmo fala dela.

Das mentiras se a face é uma janela,
pela qual os ardis que tens, anulas
e o que de bom que resta em ti maculas,
que o falso nela — que é real — congela,

enfim, de que careço que me digas
se, sem falar, me dás o que preciso
e pra verdade, sem querer, acenas.

Imagina de ti o meu juízo,
ao ver o grande hipócrita que abrigas
na intensa prova de um olhar apenas.

Um Amigo Cirineu

Antonio J. Amadi

“Amicus certus in re incerta cernitur.”

Num furacão imerso de tormento,
de angústias em noites maldormidas,
em vão ocultas, no rosto o sofrimento
e os borbotões de lágrimas doridas.

Recusas, na aflição, buscar alento,
calado, eternizando tuas feridas,
e, temendo fazê-las conhecidas,
as eliminas até do pensamento.

No calor do aconchego solidário,
serena o coração! Procura abrigo!
Não curte desventuras solitário!

Sempre alguém quererá levar contigo
a dolorosa cruz de teu calvário.

Deixa-me ser, por Deus!, um ombro amigo!

Deus?

Nelson Di Francesco

Desconfiado,
Silencioso,
Discreto,
Seleto,
Fino,
Delicado,
Cauteloso,
Quieto,
Nobre,
Sofisticado,
Ágil,
Tímido,
Carente,
Dengoso,
Solitário,
Introspectivo,
Analista,
Temido,
Observador,
Estranho,

Orgulhoso,
Invejável,
Malandro,
Idolatrado,
Pensador,
Atento,
Sossegado,
Acrobata,
Terrível,
Misterioso,
Imortal (quase),
Maravilhoso,
Indomesticável,
Encantador,
Lindo,
Fofinho,
Charmoso,
Elegante e
Conquistador...

O gato conta a sua história...

Conta se Ele quiser.
Conta quando Ele quiser,
e se você for o seu servo!
E amá-lo
incondicionalmente,
até quando Ele desejar...



Google Imagens: <apucarana.olx.com.br>.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Carlos Alberto Monte Gobbo

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*), Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Arary da Cruz Tiriba, Luiz Fernando Pinheiro Franco e Ivan de Melo de Araújo

Cinemateca: Wimer Bottura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany (curador, *in memoriam*), Nilceo Schwery Michalany (vice-curador)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.